

A CONSTRUÇÃO [V-NÃO] EM TRADUÇÕES DA LIBRAS PARA O PORTUGUÊS ESCRITO: UMA ABORDAGEM DIASSISTÊMICA

Roberto Freitas Jr¹

Ruan Souza Diniz²

RESUMO: A partir de análises de traduções convergentes e divergentes da língua brasileira de sinais (libras) para o português brasileiro na modalidade escrita da construção [V-NÃO], o presente artigo visa a compreender o funcionamento da gramática em contextos multilíngues, evidenciando os pressupostos teóricos da Gramática de Construções Diassistêmica (HÖDER, 2012, 2014a, 2014b e 2021 e BOAS E HÖDER, 2018). Os textos analisados são extraídos das legendas de vídeos da TV INES e sugerem a existência de traduções convergentes, parcialmente convergentes e divergentes. Essas classificações se dão mediante a relação entre forma e função das construções em dado contexto de uso. Depreende-se, por fim, que quanto menos entrincheiradas estão as construções e quanto mais idiossincráticas são, maiores são as chances de divergências na tradução. Também, percebe-se que divergências na tradução podem indicar que idioconstruções ainda estão em processo de entrincheiramento e reorganização no *constructicon* do multilíngue e a frequente ocorrência de determinados padrões em textos traduzidos não significa que a tradução seja convergente. Esta é uma pesquisa teórico-empírica de cunho qualitativo e, portanto, apresentamos ao final uma discussão, de base qualitativa, sobre algumas traduções específicas observadas na pesquisa.

Palavras-Chave: Gramática de Construções Diassistêmica. Libras. Contato Linguístico.

THE CONSTRUCTION [V-NÃO] IN TRANSLATIONS FROM LIBRAS INTO WRITTEN PORTUGUESE: A DIASSYSTEMIC APPROACH

ABSTRACT: This article aims to understand the functioning of grammar in multilingual contexts, highlighting the theoretical assumptions of the Grammar of Diassistemic Constructions (HÖDER, 2012, 2014a, 2014b and 2021 and BOAS and HÖDER, 2018), based on analyzes of convergent and divergent translations of the [V NÃO] construction from Brazilian Sign Language (Libras) to Brazilian Portuguese in written form. The analyzed texts are extracted from video subtitles of TV INES and suggest the existence of convergent, partially convergent and divergent translations. These classifications occur through the relationship between form and function of constructions in each context of use. Finally, it seems that the less entrenched and the more idiosyncratic the constructions are, the greater the chances of divergences in translation. Also, it is noticed that divergences in translation may indicate that idioconstructions are still in the process of entrenchment and reorganization in the multilingual *constructicon* and that the frequent occurrence of certain patterns in translated texts does not

¹Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011). Diretor Adjunto de Cultura e Extensão da FL/UFRJ e Professor Adjunto de Estudos Linguísticos do Depto de Letras-Libras/UFRJ. E-mail: robertofrei@letras.ufrj.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6237-1040>.

²Mestre em Estudos Linguísticos, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Atualmente é professor substituto na UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: dinizruan.sousa@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5042-7016>.

mean that the translation is convergent. This is theoretical-empirical qualitative research and thus a qualitative-oriented discussion regarding some translation cases will be also presented.

Keywords: Diasystemic Constructions Grammar. Libras. Language Contact.

Introdução

Em diferentes níveis e circunstâncias, a tradução é um caso clássico de manifestação de fenômenos do contato linguístico, por sua vez, ponto que nunca foi objeto central de análise dentro dos grandes paradigmas dos estudos sobre linguagem. O contato linguístico ocorre em grupos multilíngues, seja a partir do compartilhamento de línguas distintas ou mesmo de variantes dentro de um mesmo sistema. Num primeiro momento, poderia causar algum estranhamento a relação entre a atividade tradutória e o contato linguístico, pois o que geralmente está em voga no âmbito dos estudos de tradução é a tradução envolvendo línguas de prestígio, cujos territórios de circulação do idioma sequer são necessariamente fronteiriços.

Todavia, quando se pensa, por exemplo, que pessoas surdas brasileiras usuárias de libras compartilham o mesmo território que pessoas ouvintes usuários do português brasileiro (doravante, PB), o contato entre essas duas línguas é mais evidente. Nesse contexto, também está o tradutor-intérprete de libras-português (TILP) em boa parte do tempo imerso na comunidade para a qual presta seus serviços de tradução - a comunidade surda - atuando em duas línguas distintas, cada uma apresentando variantes próprias que indicam como tal profissional exemplifica a ideia de falante multilíngue dentro da sua própria língua e/ou de outros sistemas.

Nessa conjuntura, este trabalho traz uma investigação acerca de traduções da construção [V-NÃO] da libras para o PB, na modalidade escrita. Objetiva-se, a partir de análises de traduções convergentes e divergentes da libras para o PB escrito, compreender o funcionamento da gramática em contextos multilíngues, evidenciando as contribuições da Gramática de Construções Diassistêmica (GCD).

Os vídeos analisados foram retirados da TV INES³, *webtv* cujo enfoque é a produção e adaptação de conteúdos para a comunidade surda brasileira, especificamente

3 À época, no início dessa investigação, a TV INES estava em funcionamento. Desde o início de 2021 deixou de ser gerida pela Organização Social contratada. Hoje é possível recuperar alguns arquivos

surdos usuários de libras. O veículo apresenta robusto material no qual é possível identificar a libras em um contínuo de produção de menos a mais espontânea. Todo material conta com legendas, cujo texto é a tradução realizada por tradutores ouvintes. Desse bojo, partem as análises.

Referencial teórico

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, apoiamo-nos, primeiramente, no modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso, doravante GCBU, (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2001; HILPERT, 2014; PEREK, 2015; BYBEE, 2016, 2020; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), assume a representação cognitiva da gramática como um grande inventário de construções gramaticais, pareamentos formais, organizado em rede, e que possui natureza emergente, oriunda da interface existente entre os papéis exercidos pelos processos cognitivos de domínio geral e a experiência com o uso da língua.

Desta forma, abordamos nossa discussão principal, apresentando brevemente o que aqui classificamos como construção de negação [V-NÃO] da libras. Apresentar, mesmo que de modo breve, as características formais e funcionais da construção em jogo se faz necessário para que possamos avaliar as questões emergentes sobre sua tradução nos vídeos analisados da TV INES, *corpus* da presente pesquisa.

Assim, assumimos nesta investigação que a construção de negação [V-NÃO] da libras consiste em um pareamento específico desse sistema linguístico, apresentando natureza formal semi-esquemática, na qual encontramos a previsibilidade de uso de um item verbal fundido ao uso do sinal NÃO, associado ao parâmetro de movimento, e natureza de sentido de negação de ações verbais nesta língua. Em alguns usos o sinal NÃO pode aparecer anteposto ao verbo. A figura abaixo exemplifica a questão com o uso da expressão TER NÃO em libras:

através do canal “Educação de Surdos / DEBASI - INES”, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCUcflgG-ph6k_rbTMZBN60A>. Acesso em: 13/03/2022.

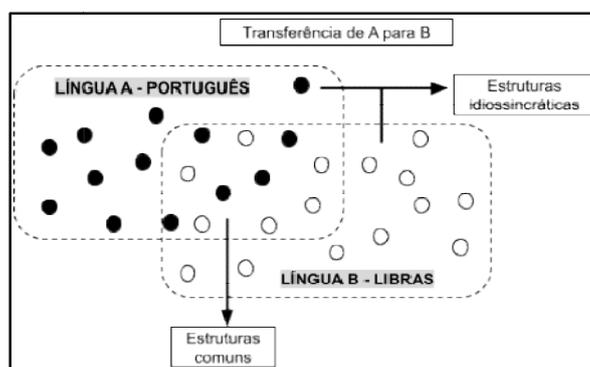
Figura 2. Sinal de [NÃO TER]



Fonte: <https://www.teconcurso.com.br/questoes/968559>

Ancorado na GCBU, Höder (2014) desenvolve um modelo que traz o contato linguístico para o cerne da discussão linguística, logo, da teoria gramatical, de orientação construcional, a GCD. O autor discorre que há confluência entre os pressupostos construcionistas e diassistêmicos, como os fatos de: (i) a língua ser composta por construções, que permeiam todos os níveis do sistema linguístico; (ii) construções poderem ser mais ou menos esquemáticas; (iii) construções estarem integradas numa grande rede taxonômica, interconectadas por meio de *links* de herança e (iv) construções esquemáticas serem “adquiridas a partir do *input* disponível, o que requer abstração, generalização e categorização, a fim de alcançar uma representação cognitiva econômica”. (HÖDER, 2014, p. 142, tradução nossa).

A GCD analisa o *constructicon* do indivíduo bilíngue/multilíngue a partir de uma visão integrada de gramática. Isto é, leva em consideração a hipótese de, em uma única estrutura cognitiva da linguagem, estarem representadas línguas e variantes dialetais. Assim, baseados em Höder (2021), pensando na realidade linguístico-cognitiva do TILP, usuário de libras e PB, é possível identificar o ponto na seguinte representação:

Figura 1. *Constructicon* multilíngue (com partes comuns e idiossincráticas)

Fonte: Diniz (2022)

Boas e Höder (2018) afirmam que a estrutura linguística pode ser consideravelmente afetada pelo contato linguístico. Isso implica em considerar que línguas A e B coexistem na estrutura linguística do falante, sendo organizadas em idioconstruções (itens pertencentes apenas a uma língua/variante) e diaconstruções (que abarcam elementos comuns, análogos, existentes nas várias línguas/variantes, fontes da experiência linguística formadora do *constructicon*). Essa classificação não é estanque e é comum que idioconstruções sejam combinadas em diaconstruções emergentes do contato interlinguístico. Por isso, Höder (2021), nos moldes da GCD, argumenta que só é possível ter uma “língua” a partir do momento que se tem duas, o que significa dizer que essencialmente todo falante é multilíngue. Em outras palavras, a GCD atenua os limites fronteiriços da visão tradicional de língua, agregando idiomas, dialetos e outras formas de variação a uma única representação multilíngue da gramática.⁴

Höder (2014) aponta que considerar a existência de um único diassistema é cognitivamente mais econômico. Desta forma, “diaconstruções são uma simplificação do conhecimento linguístico do falante, tal qual qualquer tipo de padrão abstrato (monolíngue) é uma simplificação” (HÖDER, 2014, p. 46, tradução nossa). A formação de categorias, esquemas, construcionais na gramática do indivíduo monolíngue seria um único processo atuante também no contexto de contato linguístico, em particular, no de L1 e L2. Assim, a abordagem admite a possibilidade de idioconstruções análogas de línguas diferentes se transformarem em diaconstruções pertencentes a uma mesma rede construcional. Conforme exposto por Boas e Höder (2018, p. 28, tradução nossa), é viável que haja um “estabelecimento inicial e subsequente de uma conexão entre idioconstruções” e “isso requer procedimentos de abstração e generalização posteriores”.

A viabilidade desse processo é devido à existência de identificação interlingual (BOAS; HÖDER, 2018). E é previsível, nesse processo, que a criatividade linguística de determinado grupo de falantes interfira em suas práticas comunicativas, por meio de transferências e supergeneralizações, que por sua vez não são restritas às propriedades

⁴ Para maiores informações em português sobre o modelo na interface L1-L2, sugerimos a leitura de *A gramática de construções diassistêmica: uma abordagem aquisicional baseada no uso*. Disponível em http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/18611/pdf_1.

de forma ou de função das idioconstruções em jogo. Neste trabalho, desejamos discutir os usos convergentes e/ou divergentes da construção de negação [V-NÃO] da libras em traduções desta língua para o PB escrito, o que há de servir como evidência para o que seja a representação cognitiva da linguagem dos TILPs em contexto multilíngue.

Metodologia

Os dados que compõem o *corpus* desta investigação foram retirados de vídeos da TV INES, *webtv* brasileira que produz e adapta conteúdos para surdos usuários de libras. Sendo a GCD um modelo baseado no uso, adotou-se o seguinte critério para seleção dos vídeos (e, conseqüentemente, as legendas inseridas nos mesmos): todos os vídeos continham falas de pessoas surdas, usuárias de libras e descartaram-se da análise as falas dos apresentadores, que mesmo sendo surdos, por estarem diretamente envolvidos no contexto de produção audiovisual, estavam submetidos a uma situação de maior controle da língua e, ainda, mediados por um roteiro em PB, o que indicaria que suas falas estariam mais voltadas a uma *sight translation* - tipo de interpretação na qual a tradução é feita à prima vista (BAKER E SALDANHA, 2009) - por lerem um *teleprompter* em PB e interpretar instantaneamente para libras.

Assim, a condição básica e comum a todos os vídeos eleitos para o *corpus* era a produção *on-line* da libras, ou seja, a manifestação de fala, espontânea e com menor nível de controle da língua, o que implicou, por exemplo, na escolha do gênero discursivo dos episódios e, por isso, foram selecionados apenas relatos, depoimentos ou entrevistas. Todos os vídeos foram traduzidos por tradutores ouvintes, cuja língua materna é o PB.

Em relação à classificação da convergência/divergência de instanciações da construção de negação [V-NÃO], foram observados os seguintes aspectos:

(i) tradução convergente: que ocorre a partir de uma relação diassistêmica que permite a identificação de usos mais compatíveis com as características de forma e função da construção da língua de partida;

(ii) tradução parcialmente convergente: que ocorre, quando se recupera algum aspecto de forma e/ou função entre as construções, mas não em sua totalidade;

(iii) tradução divergente: quando não é possível estabelecer convergência nem a partir da forma e nem a partir da função.

Para a elaboração da pesquisa, foi realizada a transcrição descritiva dos vídeos, com as seguintes características:

- i. uso de letras maiúsculas para indicar que a palavra transcrita se refere ao léxico em libras e letras minúsculas para o PB;
- ii. apresentação na forma nominal infinitiva do item correspondente à categoria verbal;
- iii. registro conectores apenas, quando explicitamente manifestados no discurso;
- iv. utilização da sigla ANM para ressaltar aspectos não-manuais, como expressões faciais e corporais;
- v. representação pelo símbolo matemático de adição,[+], quando há uma marca de plural pela repetição ou alongamento do sinal (FELIPE & MONTEIRO, 2007, p. 27) e
- vi. utilização do símbolo [++], quando um sinal indica ênfase.

A presente investigação classifica-se, quanto à abordagem, como qualitativa, método indutivo e de natureza da pesquisa aplicada. Quanto ao objetivo metodológico, devido à inovação e aplicação do tema, majoritariamente, enquadra-se como exploratório, sobretudo por pretender trazer mais informações sobre a temática explorada.

A partir da análise de traduções convergentes e divergentes da libras para o PB escrito da construção de negação [V-NÃO], o objetivo central deste artigo é compreender o funcionamento da gramática em contextos multilíngues. As hipóteses que permeiam este estudo são:

- (i) quanto menos entrincheiradas (armazenadas no repertório de construções) estiverem as idioconstruções da L1 e da L2, maiores são as chances de divergências na tradução;
- (ii) quanto mais entrincheiradas, maiores as possibilidades de traduções convergentes e
- (iii) a frequente ocorrência de determinados padrões em textos traduzidos não significa que a tradução seja convergente.

Na próxima seção apresentamos as análises e resultados de nossa pesquisa.

Análises e resultados

Foram encontradas 104 ocorrências com o padrão [V-NÃO] no *corpus* analisado. Nesta investigação, não importou se a negação aconteceu fundida, anteposta ou posposta ao verbo: todos os dados que instanciaríamos a construção em análise foram observados. Do total de 104 ocorrências houve 27 ocorrências em que [V] e [NÃO] fundem-se em um único item, tal como exemplificado na figura 1.

Observamos que, das ocorrências, apenas 2 (1,92%) foram de usos divergentes entre o que acontece na L1 do surdo e a tradução na L2. Houve também 8 ocorrências parcialmente convergentes, o que equivale a 7,7% do total, e 94 ocorrências convergentes, o que totaliza 90,38%.

Esse alto índice de ocorrências convergentes se dá pelo fato de que esse tipo de construção é altamente produtivo em PB e em libras, o que possibilita, inclusive, que não ocorram truncamentos em contextos de tradução, visto a relação diassistêmica que apresentam. O que é válido considerar é o comportamento idiossincrático de determinadas ocorrências na língua fonte, a fim de averiguar a convergência ou não na língua meta.

Basicamente, a construção [V-NÃO] em libras apresenta duas possibilidades de relação entre os *slots* desse padrão: (i) situações de maior dependência estrutural, nas quais ocorrem perda de composicionalidade entre os *chunks*, originando um único sinal e (ii) situações de menor dependência estrutural, nas quais os *slots* são manifestados fonologicamente por meio de dois itens, de forma independente, sucessiva ou simultânea.

No *corpus* formado pelos 104 dados, há 34,61% de ocorrências cujo padrão é mais composicional e 65,39% cujo padrão é menos composicional. Em relação à tradução das unidades de tradução, as UTs, todas as ocorrências do lado mais composicional são convergentes. Isso se dá pelo fato de haver uma correspondência mais direta entre as construções de uma e outra língua, formando o que Höder chama de diaconstrução, reveladora de vantagem cognitiva para o falante. A emergência de uma diaconstrução demanda menos esforço para manipulação do texto na língua meta,

permitindo, inclusive, que o tradutor faça inserções ou omissões estratégicas, ou seja, adeque o texto da língua fonte de modo bem acertado na língua meta. Isso nada mais é do que a observância do comportamento construcional da UT.

Passamos agora à discussão mais qualitativa de dados advindos das traduções por nós observadas. Para esta discussão, foram selecionados itens que evidenciaram o contínuo de +/- convergência de traduções, complementando o trabalho quantitativo, que serão analisados e descritos à luz dos usos que tradicionalmente operam na língua de partida e suas possibilidades na língua de chegada.

Um uso muito importante associado à construção de negação [V-NÃO] da libras ocorre com os verbos cópula. Sobre o uso da cópula nesta língua, percebe-se que é comum que não haja manifestação fonológica de alguns verbos funcionais (copulativos) na libras. Nesse sentido, em nossa pesquisa, observamos que ao ser identificada a relação entre sujeito e predicativo na língua fonte, o tradutor reformula a sentença tendo por base a mesma construção na língua meta, inserindo, assim, um verbo copulativo.

Identifica-se, também, que a única forma para o verbo [SER] em libras (pelo menos nos dados) é a forma conjugada na terceira pessoa do singular: [É]. As demais, nem mesmo as formas nominais, são realizadas. Por outro lado, há casos em que é identificada a forma negativa [NÃO É]. Uma breve análise sugere que há uma mudança construcional do item [DIFEREN-], visto que [NÃO É] ocorre a partir da duplicação simultânea do primeiro item. Em termos de função, sabe-se que construções negativas se opõem das afirmativas a partir da “diferença” por meio de alguma circunstância adverbial, o que pode justificar, assim, a origem e influência desta construção.

A relação diassistêmica estabelecida entre esse tipo de construção favorece a versatilidade no texto traduzido, podendo ocorrer, por exemplo, a substituição por outro verbo funcional, como é o caso de [PARECE MOLEZA, SOPA, NÃO!] para [“Vai ser moleza”, mas não é nada disso] ou ainda a substituição de verbos funcionais por verbos de outra natureza, como [CONVIDAR^ME SIGNA EU IR PENSAR IGUAL PRESENCIAL, FALAR^ME, NÃO PRESENCIAL, 50% PRESENCIAL, 50% DISTÂNCIA] para [(...) só quando passei a integrar a equipe da Signa soube que atuaria parcialmente a distância].

Há casos em que [V-NÃO] aponta para uma desconstrução total da forma original do verbo. Devido ao desbotamento da referência original, as possibilidades de

tradução acabam sendo maiores e mais livres. Isto quer dizer que a relação interlingual ultrapassa o domínio lexical, havendo necessidade de maior atenção ao domínio pragmático-discursivo devido aos idiomatismos na língua fonte.

Em [INTÉRPRETE NÃO, JANELA EU LIBRAS OUVIR, SER-NÃO, AFASTA.], para [O curso não tem a janela do intérprete de Libras ouvindo as informações e fazendo a tradução para a Língua de Sinais.], diferentemente dos outros dados com o padrão [SER-NÃO], houve materialização fonológica da forma negativa dessa cópula. Esse dado foi alocado nesse rol de ocorrências com este padrão, visto que a forma possível materializada do verbo ser em libras é a partir do item [É], (sinal que entrou na língua via empréstimo do PB); na forma negativa, tanto se altera o movimento quanto a configuração de mão. Percebe-se que na tradução foi preferida uma construção transitiva, com o verbo “ter”, em detrimento na forma nominal em libras. Essa escolha indica que diaconstruções, devido ao seu *locus* no *constructicon*, possibilitam a releitura e novas análises da UT em questão.

Tanto na ocorrência anterior quanto em [DINHEIRO TER-NÃO], para [Eu não tenho dinheiro], ocorre uma forma não prototípica de [TER-NÃO]. Como o caráter metodológico e procedimental de pesquisas diacrônicas em libras é muito restrito devido aos poucos registros, o que se pode, muitas vezes, é encontrar motivações fonológicas e icônicas e propor especulações acerca da origem ou dos contextos semântico-pragmáticos para o uso de novas formas. No caso desta ocorrência, identifica-se que também é usada para construções como [AINDA-NÃO]. Esta mesma configuração de mão e ponto de articulação, alterando apenas a orientação da palma (de apontada para esquerda para de frente para o emissor), origina variações de sinais, como [OSSO] e [DURO] - que compartilham semanticamente a ideia de “força, dureza” - e [TRANSPARENTE] e [INDOLOR] - que têm entre si traços que indicam “ausência de”.

Mediante as ocorrências nos dados, pode-se conjecturar que, em libras, ao se usar a forma menos prototípica de [TER-NÃO] relacionada ao fato de “não ter dinheiro”, pode haver referência à expressão idiomática em PB “estar duro”, “estar liso”, já que essas línguas estão o tempo todo em contato. Ainda, como esse item recupera a ideia de “ausência de”, é possível, também, essa relação semântica. Não são raras as vezes que [TER-NÃO] é realizado no discurso com as duas formas, co-

ocorrentes: primeiro realiza-se a forma mais prototípica, que apenas altera o movimento e mantém a configuração de mão do verbo [TER] e, após, a menos prototípica, descrita neste parágrafo.

Em [CHAMAR^ME+ SURDO, AQUI, PEGAR^ME-COLOCAR. EU O QUÊ?++ JUDÔ, EU CONHECER-NÃO, O QUÊ, JUDÔ, J-U-D-O], para [Alguns surdos ficavam me chamando para vir, mas eu não entendia o que eles queriam dizer com "judô".], também ocorre a desconstrução total dos parâmetros formativos do sinal original. Aqui, há a junção do ponto de articulação de uma predicação de cunho cognitivo e a forma do numeral [ZERO]. Há uma motivação icônica para que verbos cognitivos e substantivos derivados destes sejam sinalizados na região da tēpora. A realização no numeral [ZERO] na testa indica, por exemplo, “não saber de algo”, “desconhecimento”, “ignorância”, “inocência”, entre outros. Como é um item bastante idiomatizado na libras, é também mais versátil e apresenta a mesma possibilidade de substituição por verbos do mesmo domínio, como ocorreu na tradução, apresentada no quadro.

Em [(TER-NÃO VIDA) AMOR OUTRO DIFERENTE!], para [Não existe um amor igual a esse.], é observado a condição polissêmica do item [VIDA], em libras. A categoria semântica dessa construção abarca itens diversos, com o valor de “existência”, “funcionamento”, entre outros. Em libras, a negação de [EXISTIR] é frequentemente realizada pelo *chunking* [TER-NÃO VIDA] ou [VIDA TER-NÃO]. Há um link diassistêmico que agrega no mesmo nó na rede, essa construção, em libras, com [não exist-], em PB.

A libras, além de comportar em seu arcabouço gramatical e lexical as construções gramaticais, apresenta também outros elementos associados a ela, como classificadores. Na comunicação em libras também é comum a presença de gestos, que, apesar de não serem componentes especificamente linguísticos, são de importante base comunicativa, em particular, em um contexto de uso de língua de sinais. O dado [VER^ME++, "NÃO IMPORTA", EU CONTINUAR FAZER SURFE SEMPRE TRATAR, ENTÃO, AJUDAR OUTROS SURFE SUBIR MELHOR], para [Assim eu sigo minha vida, mesmo que me vejam dessa forma. Continuo ajudando, incentivando outros surfistas a crescerem] sugere a tradução de um componente complementar à fala

(à produção oral da língua), que é o gesto⁵ que complementa a ideia de “não se importar com algo”, “tanto faz”, “que seja”, entre outros.

O gesto aqui referido sugere uma sequência temporal de fatos. Em ordem, há a apresentação de uma informação, seguida da interpelação gestual e um complemento que reforça ou desconstrói a informação dada. Tem-se: (i) informação primária: [VER^ME++]. Isto é, terceiros enxergam o entrevistado de determinado modo; (ii) interpelação com o gesto de “não se importar com algo” e (iii) desconstrução da informação dada: [EU CONTINUAR FAZER SURFE SEMPRE...]. Isto é, ainda que o enxerguem com determinado perfil, o entrevistado permanece sendo uma pessoa humilde e que gosta de ajudar outros surfistas.

Como já dito, houve 27 ocorrências em que [V] e [NÃO] fundem-se em um único item, dos quais 8 podem ser considerados parcialmente convergentes e 19 convergentes. Os *types* identificados e suas respectivas quantidades foram: [COMUNICAR], com 9 *tokens*, [ENTRAR], com 1 *token*, [TER], com 13 *tokens*, [CONSEGUIR], com 1 *token*, [QUERER], com 2 *tokens* e [GOSTAR], com 1 *token*.

Excetuando o *type* [COMUNICAR], todos os outros possuem *tokens* cujas traduções podem ser consideradas convergentes. Em [COMUNICAR], as ocorrências são parcialmente convergentes. Essas ocorrências são produzidas em primeira pessoa na língua fonte e ao serem traduzidas para o PB, exigiriam que o verbo estivesse na forma pronominal. Assim como em outras ocorrências supracitadas, em libras, uma mesma forma pode ocupar diversas categorias gramaticais, como é o caso de [COMUNIC-], que pode funcionar como [COMUNICAR, COMUNICAÇÃO, COMUNICATIVO, entre outros]. É válido ressaltar que possíveis divergências não estão, necessariamente, no nível morfosintático, mas também no nível pragmático-discursivo.

Em todas as traduções, o item [COMUNICAR] aparece como substantivo. No texto traduzido, a organização sintagmática que abarca esse substantivo não é a mais comum nessas situações de uso em PB. A tradução mais frequente de [COMUNICAR-NÃO] é “bloqueio de comunicação”, o que corresponde a 5 das 9 ocorrências. No *Corpus* do Português, há duas ocorrências que retomam esta *collocation*: uma que recupera a ideia de interrupção de comunicação via dispositivos digitais e outra que

5 Esse gesto pode ser consultado no canal Babel, no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=koucfUIPUBg>>. Acesso em: 18/02/2022.

evidencia o registro da língua e a linguagem verbal como um fator de distanciamento entre as pessoas. Por certo, “bloqueio de comunicação” é um item plenamente gramatical e possível em PB. Mas, possivelmente, há certas restrições que devem ser consideradas, como por exemplo, o uso menos provável desse item em situações nas quais os interlocutores não tenham uma língua em comum.

Na língua fonte, a ideia que [COMUNICAR-NÃO] carrega é justamente pelo fato de o entrevistado ser surdo e usuário de libras, enquanto seus interlocutores são ouvintes, usuários de PB (falado ou escrito) e não sabem libras. Essa é uma situação na qual a comunicação efetiva não pode ser estabelecida. Ambos podem se comunicar, mas não um com o outro em situações como essa. Conforme no quadro abaixo, há outras formas de indicar que a comunicação não está sendo estabelecida, sem utilizar “bloqueio de comunicação”.

Além disso, traduções como “Por ser surdo, a comunicação era difícil”, são ambíguas, pois pode sugerir, numa relação direta, que a condição sensorial do sujeito é um fator determinante para que ele possa ou não se comunicar com facilidade. Não é o fato de ele ser surdo que torna a comunicação difícil. A comunicação se torna difícil quando duas pessoas não falam a mesma língua.

Já “Tive muitas barreiras linguísticas”, “ter uma falha na comunicação” e “Eu tinha muitos problemas com a falta de comunicação” são expressões que acabam recaindo diretamente sobre o sujeito, como se o fato de este ser surdo e sinalizante fossem atributos para uma comunicação ineficaz ou uma não-comunicação.

Quadro 1. Traduções veiculadas de [COMUNIC-NÃO] e sugestões

Nº	TRADUÇÃO	SUGESTÃO
78	Venci alguns adversários, mas existia um bloqueio de comunicação.	“Me comunicar” com os concorrentes nem sempre era fácil, mas isso não me impedia de vencê-los.
79	Não chegava a ser um bloqueio de comunicação.	Não que a gente não se entendesse.
80	Por ser surdo, a comunicação era difícil.	Como sou surdo, não falamos a mesma língua.
81	Comecei a ter aulas com o professor, mas o problema do bloqueio de comunicação atrapalhou.	(...) o problema é que ele não sabia libras, o que dificultava bastante.
82	O problema é o bloqueio na comunicação por eu ser surdo e ele não saber a Língua de Sinais.	Eu sou surdo, ele não sabe libras, aí já viu, né?
83	Tive muitas barreiras linguísticas por causa do português(...)	O português é uma língua muito difícil, o que acabou sendo uma barreira para mim.
84	Já aconteceu de eu ir a um salão, ter uma falha na comunicação e estragarem o meu cabelo...	Já aconteceu de eu ir a um salão, não entenderem o que eu queria e estragarem meu cabelo.

85	Tive bloqueio de comunicação com os ouvintes.	Não conseguia me comunicar com os colegas ouvintes.
86	Eu tinha muitos problemas com a falta de comunicação. Tentava usar outros tipos de recursos como escrever no papel ou no e-mail.	(...) era complicado compreender os colegas. tentava usar outros tipos de recursos (...).

Fonte: Diniz (2022)

As ocorrências com os demais verbos apresentam traduções convergentes. Esses itens são tão frequentes e entrincheirados que a relação diassistêmica entre as construções se dá de forma metafrásica. Isso permite, inclusive, a versatilidade e plasticidade da tradução, ou seja, maiores possibilidades de estratégias de tradução, escolhas lexicogramaticais e formas de registro mais livres.

É o que acontece, por exemplo, no dado 87, em que a ocorrência [ENTRAR-NÃO] é substituída por “barreira”, tanto pela condição semântica quanto pela motivação fonológica e icônica dessa construção.

Nas ocorrências com [TER-NÃO], observa-se que o mesmo pode ser substituído por outros verbos existenciais (como em [AGORA IDADE 33, SURDO ENTENDER, ELE OUVINTE ENTENDER CLARO, TER-NÃO PRECONCEITO TER-NÃO AQUI TER-NÃO], para [Agora, tenho 33 anos, e aqui a gente se entende bem, não existe preconceito.]), verbos transitivos ou não com aspectos diversos (como em [EXPLICAR, ENTENDER, AGORA ENTENDER. EXPLICAR+, COMO COMUNICAR. ELE, SURDO, SENTIR MEDO, TER-NÃO SEGURANÇA PRONTO, DELE INSTRUTOR INCERTEZA.] para [A princípio, ele ficou meio receoso, temeroso, pois não sabia se era viável, se era seguro.]), cópulas (como em [SENTIR LEVE, NÃO TEM PRESO.] para [me sinto leve, não fico travado...]) ou ainda construção morfossintática inversa (negação para afirmação), como é o caso da ocorrência [(...) EU LEITE COMER NORMAL (pausa preenchida), ALERGIA TER-NÃO, SÓ LEITE BEBER P-U-R-O ESSE EU COMBINAR-NÃO, P-R-O-T-E-Í-N-A ESSE.], para [Só tomo leite sem lactose, porque sou alérgico, mas derivados do leite eu consumo normalmente. Mas se eu tomar leite puro, o normal, a proteína que tem nele me faz mal.]).

Em todos esses casos, permanece a ideia transmitida pela construção [TER-NÃO], ou seja, de ausência de algo. Essa mesma construção, em libras, pode indicar uma hipotaxe com característica condicional, mesmo que um conectivo não seja manifestado fonologicamente, como nos dados [TER-NÃO CORDA], que é traduzido

como “se vocês não tiverem uma corda”, [ALERGIA TER-NÃO, SÓ LEITE BEBER P-U-R-O], que é traduzido como [se eu tomar leite puro, o normal...].

Considerações finais

Libras e português são línguas que mantêm estreito contato, o que, inerentemente, desemboca em situações nas quais a tradução se faz presente. O TILP, necessariamente, é membro da comunidade surda, o que reforça sua condição de multilíngue. Logo, a organização interna da gramática desse profissional é afetada pelas experiências linguísticas nessa comunidade multilíngue.

Diante dos dados analisados, é possível identificar uma forte relação entre a divergência na tradução e especificidade das construções, isto é, quanto mais idiossincráticas, maiores as possibilidades de divergências na tradução. Também percebe-se que a frequência de uso de determinada idioconstrução pode interferir na organização cognitiva do multilíngue, a ponto de haver um pareamento diassistêmico, o que pode contribuir para que o produto textual na língua meta seja convergente ou divergente, o que confirma a hipótese inicial aqui levantada, bem como o cumprimento dos objetivos.

Uma constatação interessante é que a diferença de modalidade da libras e do PB não é uma justificativa ou um fator determinante para que o texto traduzido contenha divergências. Há de se compreender que falantes bilíngues não são necessariamente tradutores, logo não é necessária uma competência “extra” em casos de repertórios linguísticos com menos construções de uma língua A do que de uma língua B. São situações que provavelmente ocorrerão ao longo de toda vida. Isso indica que o falante de A e B consegue manejar com eficiência o que tem em seu repertório, não necessitando ser um protótipo nativo de A e B conjugado. Todavia, essa situação não elimina a condição de haver a necessidade de o tradutor ocupar-se de outras competências – tradutórias, referenciais e metacognitivas, entre outras.

Não foi objetivo desta investigação apontar erros ou confirmar a acurácia de uma tradução. Contudo, é percebido que boa parte das divergências encontradas na tradução possui forte relação com a estrutura cognitiva da linguagem do indivíduo

multilíngue, que pode trazer, ou não, no momento da tradução, mais características estruturais da língua fonte, o que nem sempre é possível manter na língua meta.

Referências

BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (Org.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2. ed. New York: Routledge, 2009.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BOAS, Hans Christian; HÖDER, Steffen. Grammar is community-specific: background and basic concepts of diasystematic construction grammar. In: BOAS, Hans Christian; HÖDER, Steffen (Orgs.). *Constructions in Contact: constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018, cap. 1. p. 5-36. (Constructional Approaches to Language).

CROFT, William. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DINIZ, Ruan Sousa. *Contato linguístico em traduções da libras para o português escrito: análise, descrição e funcionamento do constructicon multilíngue*. 2022. 181f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022. Disponível em: <<https://bitly.com/acspou>>. Acesso em: 11/07/2022.

FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna Salermo. *Libras em Contexto: Curso Básico: livro do professor*. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

FREITAS JUNIOR, R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S.; SILVEIRA, V. L. V. A gramática de construções diassistêmica: uma abordagem aquisicional baseada no uso. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 30, p. 606, 2022.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at Work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: University of Edinburgh, 2014.

HÖDER, Steffen. Multilingual constructions: a diasystematic approach to common structures. In: BRAUNMÜLLER, K; GABRIEL, C. (Eds.). *Multilingual individuals and multilingual societies* (Hamburg Studies on Multilingualism 13). Amsterdam: Benjamins, 2012.

HÖDER, Steffen. Convergence vs. divergence from a diasystematic perspective. In: BRAUNMÜLLER, Kurt; HÖDER, Steffen; KÜHL, Karoline (ed.). *Stability and Divergence in Language Contact: factors and mechanisms*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 39-60.

HÖDER, Steffen. Constructing diasystems: grammatical organisation in bilingual groups. In: ÅFARLI, Tor A.; MÆHLUM, Brit (ed.). *The Sociolinguistics of Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 137-152. (Studies in Language Companion Series).

HÖDER, Steffen. Multilingualism and Diasystematic Construction Grammar: interview with Dr. Steffen Höder. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 34-43, jan./jul. 2021. Entrevista concedida a Roberto de Freitas Junior, Lia Abrantes Antunes Soares e João Paulo da Silva Nascimento. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/40399>. Acesso em: 14 mar. 2022.

HÖDER, Steffen; PRENTICE, Julia; TINGSSELL, Sofia. Acquisition of additional languages as reorganization in the multilingual constructicon. In: BOAS, H & HÖDER, S (eds.). *Constructions in Contact 2. Language change, multilingual practices, and additional language acquisition (Constructional Approaches to Language)*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins. 2021. p. 310-337.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PEREK, Florent. *Argument structure in Usage-Based Construction Grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2015.

PINHEIRO, Diogo. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, p. 20 - 41, 2016.

TRAUOGOTT, Elizabeth.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Recebido em: 22/06/2022.

Aceito em: 28/08/2022.